

TÍTULO DO TRABALHO			
A DESTRUIÇÃO EM MASSA: a tragédia da fome e da degradação dos hábitos alimentares			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Rogério Fernandes Macedo	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.	UFVJM	Professor
	Instituto Brasileiro de Estudos Contemporâneos.	IBEC	Pesquisador
RESUMO (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>Este artigo pretende demonstrar que a mundialização do capital disparou a crise estrutural após a década de 1970, a qual impôs à classe trabalhadora global um séquito de catástrofes, decorrentes da miséria do capital e de sua produção destrutiva. Defende-se que dentro do rol das catástrofes, existe uma específica extremamente dramática, a saber, a destruição da força de trabalho e, como não haveria de ser, de seus portadores: os trabalhadores. Desta feita, registra-se que o capitalismo, sob a crise estrutural, fora convertido em um complexo sistêmico destrutivo, que mobiliza internamente o complexo da fome e da degradação dos hábitos alimentares. Tenta-se de demonstrar que as burguesias, regentes desse complexo específico, atuam como verdugos dos trabalhadores, mobilizando largamente os mecanismos da fome crônica, da fome oculta e da degradação dos hábitos alimentares, para minar as energias vitais dos trabalhadores. Assim, cria-se um verdadeiro genocídio, tal como demonstram os dados aqui presentes.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ 3)			
Capital, crise, fome.			
ABSTRACT (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>This article argues that the globalization of capital caused the structural crisis after the 1970s, which required the global working class a retinue of catastrophes resulting from the misery of capital and its destructive production. It is argued that in the list of disasters, there is an extremely dramatic specific, namely, the destruction of the workforce and, as there would not be, of its bearers: the workers. This time, records that capitalism, under the structural crisis, had been converted into a destructive systemic complex which internally mobilizes complex of hunger and degradation of eating habits. We try to demonstrate that the bourgeoisie, conductors of that particular complex, act as workers executioners, widely mobilizing the mechanisms of chronic hunger, hidden hunger and degradation of eating habits, to undermine the vital energies of workers. Thus, it creates a real genocide, as evidenced by the data present.</p>			
KEYWORDS (ATÉ 3)			
Capital, crisis, hunger.			
EIXO TEMÁTICO			
Mercado mundial, imperialismo e luta de classes			

A DESTRUIÇÃO EM MASSA: a tragédia da fome e da degradação dos hábitos alimentares¹

Sobre a mundialização do capital.

O conceito de mundialização pretende sintetizar a configuração inédita adquirida pelo sistema de produção e reprodução do capital, a partir da década de 1970 até a atualidade. Neste esforço, apreende a série de particularidades, relativamente distintas daquelas presentes em décadas anteriores, a que alcançou o sistema capitalista, capacitando-o desse modo a controlar, conforme lhe convenha, todos os processos sociais produtivos e reprodutivos em qualquer parte do planeta².

A mundialização do capital se edifica sobre a massiva elevação da composição orgânica do capital, mediante a intensa incorporação, a partir da década de 1970, de uma base tecnológica fundada na robótica, na microeletrônica, na automação setorial total ou parcial, controlada por sistemas informacionais integrados, que contam com redes sensoriais de alta precisão, as quais proporcionam fluxo de informação em tempo real permitindo formas de manutenção, controle e reparo de alta eficiência. Vale mencionar que, a partir da data considerada, essa nova composição orgânica – acompanhada da elevação do desemprego formal, em face da substituição do trabalho vivo por morto, no interior dos processos produtivos – proporcionou uma elevação sem igual da capacidade produtiva do capital, concomitante a uma diminuição na proporção entre a massa agigantada de mercadorias produzidas e a massa apequenada de novo valor produzido. Tudo transcorrendo em um cenário de elevação dos custos de produção, impactados – não exclusivamente, mas fortemente – pela alta dos preços das matérias-primas; pela mudança no cenário da concorrência capitalista internacional, agora não mais sob controle exclusivo da burguesia estadunidense; pela depreciação dos ativos em dólar e do próprio dólar na qualidade de moeda de referência mundial e pela inflação levada adiante pelos grandes oligopólios³. Tudo

¹ O presente texto foi escrito por Rogério Fernandes Macedo, Graduado em Ciências Econômicas e Mestrado e Doutorado em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Pesquisador do Instituto Brasileiro de Estudos Contemporâneos (IBEC); pesquisador do Grupo Trabalho, Movimentos Sociais e Sociabilidade Contemporânea, da UNESP, *campus* Araraquara e professor do Curso de Ciências Econômicas, da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Contato: rogerio.fernandes@ufvjm.edu.br. Ademais, este artigo foi escrito de encomenda para o seguinte livro, que está na presente data no prelo: SANTOS, João Marcelo Pereira. **Questão agrária, cooperação e agroecologia**. Henrique Novaes, Ângelo Diogo Mazin e Laís Santos (organizadores). 1.ed., São Paulo: Outras Expressões, 2015. 408 p.

² O capital pode, de acordo com suas pretensões seletivas, orientadas por postulados internos e pela linha de menor resistência, apartar vastas áreas e suas respectivas populações de suas determinações estritamente econômicas. Sobre isso, ver: CHESNAIS (1995, 1996, 2005).

³ Sobre o assunto, ver: MANDEL (1990). Deste livro, ver principalmente os sete primeiros capítulos.

concorrendo para que a lei tendencial de queda da taxa média de lucro⁴ se mostrasse mais uma vez algo dramaticamente concreto, em forma de crise.

Simultaneamente a esse conturbado processo de mundialização do capital, surge uma nova divisão internacional das funções ativas das elites burguesas globais. Continuamente, destacam-se elementos especializados na manipulação das variadas expressões do capital fictício que, por seu turno, fora hipertrofiado paulatinamente no pós segunda guerra e, depois, aceleradamente, nas décadas de 1960 e 1970⁵ e em diante. Tais elementos darão origem a grupos atuantes sobre uma estrutura institucional especializada, exclusivamente dedicada a tal fim⁶. Constam de suas funções, lucrar, expandir e acumular a partir de rendas financeiras geradas dentro da esfera produtiva⁷ e, porém, reproduzidas de forma brutalmente ampliada na esfera financeira, a qual se distancia quantitativamente da massa de valores novos criados no conjunto dos processos produtivos⁸.

Desdobram-se desses fatos uma nova estratificação social e um reordenamento do poder de classe da elite capitalista mundial. De fato, consolida-se um estrato de classe, financeiro-rentista, crescentemente fortalecido, que passará a subsumir as funções das demais parcelas da burguesia⁹, notadamente daquelas dedicadas ao controle das atividades produtivas¹⁰. O exercício de tal poder terá amplitude planetária, a partir de dinamismos contraditoriamente positivos e negativos, considerado aqui exclusivamente o conjunto de atividades burguesas, claro. Positivo porque as

⁴ Sobre a referida lei, consultar Seção III, do Livro terceiro, denominada Lei da queda da taxa de lucro, de MARX (1985).

⁵ Consultar BLOCK (1980).

⁶ Trata-se especialmente de “(...) instituições financeiras bancárias, mas sobretudo as não bancárias, que são constitutivas de um capital com traços particulares. Esse capital busca ‘fazer dinheiro’ sem sair da esfera financeira, sob a forma de juros de empréstimos, de dividendos e outros pagamentos recebidos a título de posse de ações e, enfim, de lucros nascidos de especulação bem-sucedida. Ele tem como terreno de ação os mercados financeiros integrados entre si no plano doméstico e interconectados internacionalmente. Suas operações repousam também sobre as cadeias complexas de créditos e de dívidas, especialmente entre bancos.” (CHESNAIS, 2005, p.35).

⁷ Para uma explicação mais detida sobre o tema, vale consultar: HILFERDING (1985), principalmente as partes primeira e segunda. Ver ainda: CHESNAIS (1996), notadamente o capítulo 11.

⁸ Vale ler o seguinte trecho: “Correntemente designado pelo nome de ‘investidores institucionais’, esses organismos (fundos de pensão, fundos coletivos de aplicação, sociedade de seguros, bancos que administram sociedade de investimento) fizeram da centralização dos lucros não reinvestidos das empresas e das rendas não consumidas das famílias, especialmente os planos de previdência privados e a poupança salarial, o trampolim de uma acumulação financeira de grande dimensão. (CHESNAIS, 2005, p.36).

⁹ Chesnais ao qualificar propriedade patrimonial, mostra a posição do estrato financeiro-rentista em relação à produção, tal como segue: “A propriedade patrimonial cria direitos a rendas sob a forma de aluguéis, de rendas do solo (urbano ou rural) e de fluxo de rendas relacionadas às aplicações em Bolsa. A finalidade dela não é nem o consumo nem a criação de riquezas que aumentem a capacidade de produção, mas o ‘rendimento’. A propriedade patrimonial se faz acompanhar de diferentes estratégias de investimento financeiro.” (CHESNAIS, 2005, p.50).

¹⁰ Há de se registrar que também as atividades próprias da esfera da circulação são subsumidas pelos estratos financeiro-rentistas; porém, as consequências disso não serão discutidas neste presente artigo.

funções financeiras rentistas permitirão, do ponto de vista sistêmico, ampliar as suas forças expansivas, minorando quando for o caso aqueles efeitos deletérios da lei tendencial de queda da taxa média de lucro¹¹. De outra parte, negativo porque a ampliação do movimento expansivo do capital e a ativação do efeito redutor das ondas de impacto da referida lei tendencial ocorrerão à sombra do constante aumento da parcela da mais-valia global destinada à remuneração dos juros médios, em prejuízo das categorias lucro médio e, sobretudo, investimento médio produtivo. Desta feita, depois de estabelecidos os vínculos entre o capital fictício, controlado principalmente pelo estrato financeiro-rentista, e o produtivo, este se vê subjugado pelo peso crescente da remuneração dos juros e pelo estreitamento da sua margem de manobra. As burguesias que controlam predominantemente (para não dizer exclusivamente) o capital produtivo, como ação reativa e protetiva, buscam jogar água no moinho da extrema concentração e centralização de seus capitais, além do desemprego, subemprego e da superexploração, tudo para aliviar os custos de produção¹². Pronto: estão brevemente expostos os alicerces do poder dos estratos financeiro-rentistas sobre as demais burguesias e sobre os trabalhadores.

Da relação entre mundialização e a crise estrutural do capital.

Buscando uma qualificação da situação histórica a que chegou a mundialização do capital, pode-se dizer que ela disparou a crise estrutural do capital¹³. Esta, cuja forma se tornou mais nítida a partir da década de 1970, denota o momento a partir do qual o sistema do capital esgotou sua trajetória de ascensão e, simultaneamente, iniciou o processo de sua decadência, no exercício da regulação global da produção e reprodução social humana. É característico dessa crise o estancamento da capacidade do sistema de articular, por um lado, a integridade de seus postulados internos expansivos e cumulativos e, por outro, a geração de significativas positivities à humanidade¹⁴.

¹¹ Tendência que, dentro do recorte histórico em tela, mostrou-se muito concreta em diversas ocasiões, em decorrência do aumento da composição orgânica do capital, em ramos industriais de relevância global, no contexto concorrencial entre as bases tecnológicas e organizacionais toyotista e fordista. Para uma exposição crítica e muito didática, ver: SOUZA (2009), notadamente do capítulo 6 ao 8.

¹² “A pressão ‘impessoal’ dos ‘mercados’, exercida sobre os grupos industriais pelo viés do nível comparado da taxa de juros sobre os títulos da dívida e dos lucros industriais, se multiplica em formas de controle muito mais diretas, que beneficiam construções teóricas feitas sob medida. Impõem-se novas formas de rentabilidade, que geram pressões bastante acentuadas sobre os salários, tanto em termos de produtividade e de flexibilização do trabalho, como de mudanças nas formas de determinação dos salários.” (CHESNAIS, 2005, p.42).

¹³ Sobre a crise estrutural do capital, ler MÉSZÁROS (2009), principalmente a Parte 03.

¹⁴ Para um exposição instigante sobre os determinantes e consequências da produção destrutiva, ver: MÉSZÁROS (1989). Ver também: MÉSZÁROS (2004), com ênfase no último tópico do capítulo 5. E consultar: MÉSZÁROS (2006), capítulo 01.

Trata-se do processo (MÉSZÁROS, 1989, 2009) do qual resulta o aprofundamento da impossibilidade histórica dessa relação social controlar, respondendo aos seus imperativos sistêmicos internos, a produção e a reprodução social humana mediante outros expedientes e dinâmismos que não aqueles profundamente marcados pela presença de negatividades destrutivas. Nota-se que esta crise estrutural abarca dimensões amplas, fatalmente perigosas¹⁵, delineando-se como uma crise da civilização regulada pelo capital, tal e qual um *continuum*, e não como crises cíclicas¹⁶, em que pese essas estarem contidas naquela¹⁷.

Inevitavelmente, a crise do capital espalha sua força destrutiva por toda a extensão do sistema capitalista. Essa destrutividade é elevada à estratosfera pela regência financeiro-rentista. Isso porque seus estratos burgueses se encontram em posição de exterioridade, ou de completo distanciamento impessoal, em relação aos processos produtivos, suas burguesias e seus trabalhadores. Tais estratos especulativos se transformaram em proprietários apenas patrimoniais dos oligopólios industriais e comerciais, de modo que suas decisões e ações são tomadas em um escritório qualquer, sem nenhuma preocupação com as negatividades globais geradas¹⁸. Não se trata apenas daquelas apontadas, exclusivas às atividades burguesas produtivas, mas, sobretudo, exterioridade em relação aos profundos impactos negativos à classe trabalhadora mundial, redundante em um processo em escala inédita de destruição massiva¹⁹. A posição de exterioridade aumenta o caráter destrutivo do capital, principalmente após a consolidação das particularidades sistêmicas citadas anteriormente, concorrentes para a consolidação da crise. Assim, nesta sua fase, o

¹⁵ MÉSZÁROS (2009), item 02, do capítulo 16.

¹⁶ Sobre a dinâmica das crises cíclicas, ver instrutiva publicação: MARX, Karl. **As crises econômicas do capitalismo**. São Paulo: Edições Populares e Ched Editorial, 1982. 88p.

¹⁷ A seu modo, Mandel trata dessa relação entre o que chama de crise social global e as crises cíclicas clássicas: “A crise das relações de produção capitalistas deve ser vista como uma crise social global, isto é, como a decadência histórica de todo um sistema social e de modo de produção em operação (...) Não se identifica com as crises clássicas de superprodução nem as exclui.” (MANDEL, 1985, p. 398). Também a seu modo, entendida como crise rastejante, Chesnais apreende a história transcorrida após a década de 1970, evidenciando a falência da possibilidade de civilizar o sistema do capital, aproximando-se da questão civilizatória, tal como segue: “Desde a recessão de 1974-75, que marcou o início desta longa crise rastejante cuja “saída” os economistas tiveram tanta dificuldade em enxergar, o capital tudo fez no sentido de romper as amarras das relações sociais, leis e regulamentações dentro das quais se achava possível prendê-lo com a ilusão de poder “civilizá-lo”. Teve êxito em grande medida, se bem que de modo bastante desigual, conforme cada país, e derrubou a ilusão, nascida das conquistas anteriores, de que era possível domá-lo no âmbito dos modos de regulação nacionais.” (CHESNAIS, 1995, p.02).

¹⁸ A exterioridade está fundada na tese segunda a qual “(...) os detentores das ações e de volumes importantes de títulos da dívida pública devem ser definidos como proprietários situados em posição de exterioridade à produção, e não como ‘credores’. (...) O termo ‘credor’ remete a empréstimos, cuja figura tutelar é a banca e no que a ‘finança’, sob a forma de crédito, engendra relações diretas entre a banca e os beneficiários do empréstimo cuja base é um financiamento efetivo. [Em contrapartida,] A instituição central da finança é o mercado secundário de títulos, que negocia somente ativos já emitidos, cujos resultados do financiamento, se existiram, pertencem ao passado.” (CHESNAIS, 2005, p.48-49).

¹⁹ Ver MÉSZÁROS (1989).

capital exige garantir sua acumulação sob a forma mais capaz e possível de o fazer, mesmo que esta implique em multiplicação do capital fictício em escala fantástica.

Crise estrutural, decadência sistêmica e a ativação dos limites absolutos ao capital.

A trajetória ascendente do capital foi marcada por comportamentos oscilantes, determinados pela presença constante de crises cíclicas, com maior ou menor agudez, a depender do momento histórico. Ao longo desses séculos, em meio a tal percurso ascensional, o capital se deparou com diversos constrangimentos, frente aos quais operou saídas complexas destinadas à ampliação de sua área de atuação e de seus dinamismos, calibrados pelas necessidades das múltiplas burguesias concorrentes²⁰. Por meio dessa trajetória evolutiva, mundializou-se, ativando contraditoriamente uma série de importantes limites à sua expansão e acumulação. Paulatinamente, tais limites foram se tornando absolutos, impelindo as burguesias mundiais à criação de alternativas conduzidas pelo critério relativamente rígido da linha de menor resistência²¹. Tal reação a esses limites proporciona até o presente atroz consequências, oriundas tanto deles, quanto das reações a eles²². Esse dinamismo edifica um campo específico de atribuições políticas dos Estados capitalistas, a saber: a arte de administrar a crise e de deslocar na melhor das hipóteses suas tensões irreversíveis ao futuro²³.

Desta feita, a referida crise implica no bloqueio do avanço das revoluções burguesas e seu cortejo de bandeiras humanamente positivas²⁴. Ademais, recai sobre todas as conquistas alcançadas

²⁰ Dentre essas saídas, ver importante discussão em: MÉSZÁROS (1989), capítulo 01. Nesta mesma obra, o autor reflete sobre a instrumentalização do orçamento público, como meio de fuga, desde os primórdios do século XX, dos limites históricos auto-impostos pelo capital: discussão muito interessante e relevante para a atualidade.

²¹ Sobre a linha de menor resistência, ver: MÉSZÁROS (1989), capítulo 02.

²² Dentre essas consequências, tem-se: “(...) níveis altíssimos de concentração da riqueza material socialmente produzida, de políticas de incentivo ao desemprego crônico, da perda progressiva de direitos trabalhistas, da degradação inigualável das condições de trabalho - entre as quais cresce a ocorrência das relações de escravidão e a proposição pouquíssimo clara de uma nova modalidade de ‘trabalho decente’. Sem mencionar ainda a alarmante destruição do ecossistema.” (PINASSI, 2009, p.76).

²³ Essa dinâmica é típica do sistema do capital, presente desde a aurora dos seus primeiros dias. Atualmente, ela se distende ao limite do imaginável, redundando na crise estrutural do capital. Marx já havia apreendido tal dinâmica na celebre passagem: “A sociedade burguesa (...) assemelha-se ao feiticeiro que já não pode controlar os poderes infernais que invocou. (...) Uma epidemia (...) desaba sobre a sociedade – uma epidemia de superprodução. (...) O sistema burguês tornou-se demasiado estreito para conter as riquezas criadas em seu seio. E de que maneira consegue a burguesia vencer essas crises? De um lado, pela destruição violenta de grande quantidade de forças produtivas; de outro, pela conquista de novos mercados e pela exploração mais intensa dos antigos. A que leva isso? Ao preparo de crises mais extensas e mais destruidoras e à diminuição dos meios de evita-las.” (MARX e ENGELS, 2005, p.45).

²⁴ Sobre as positivities burguesas, diria Marx: “Com o rápido aperfeiçoamento dos instrumentos de produção e o constante progresso dos meios de comunicação, a burguesia arrasta para a torrente da civilização todas as nações, até mesmo as mais bárbaras.” (MARX e ENGELS, 2005, p.44).

na fase de ascensão do capitalismo um meticuloso processo de destruição, ora em curso²⁵. Trata-se de aspecto típico, em que a destrutividade do capital exige o desmonte das bandeiras revolucionárias burguesas²⁶. A tal movimento de bloqueio e desmonte – por conta de sua posição contrária à perspectiva da revolução burguesa – denomina-se contrarrevolução burguesa²⁷. Sua ação faz avançar a regressão social universal²⁸.

A contrarrevolução alcança amplitude global e transcorre com desenvoltura, operando um reordenamento das forças burguesas globais, com as burguesias estadunidenses à cabeça do processo, principalmente a financeira rentista²⁹. As consequências dramáticas dela não podem ser superadas dentro da ordem burguesa, tampouco remediadas, falidas as experiências históricas capitalistas de controle social sobre o capital³⁰. As burguesias estão de mãos atadas frente à necessidade de abordar os problemas criados por elas próprias. Desse modo, articulam-se duas dinâmicas, quais sejam: 1) a impossibilidade da burguesia, por dentro da ordem, abordar com alguma profundidade os problemas impostos às maiorias trabalhadoras e 2) a possibilidade bem real

²⁵ O tema da falência do espaço histórico de atuação das revoluções burguesas já foi abordado com mais vagar em LIMA FILHO e MACEDO (2011).

²⁶ O apoio a essa tese pode ser buscado nos seguintes trechos: “O que torna todo esse desenvolvimento extremamente problemático é o fato de que as determinações primordiais do sistema do capital orientam-se (...) à *auto-expansão do capital como tal*, e apenas coincidentemente ao crescimento de *valores de uso* correspondentes às necessidades humanas genuínas. Eis porque uma característica dinâmica, que em uma fase anterior do desenvolvimento histórico representa uma avanço *positivo* na medida em que caminha de mãos dadas com a satisfação das necessidades humanas legítimas, em nosso tempo se transforma na determinação potencialmente mais destrutiva. Pois o interesse contraditório do ímpeto auto-expansivo do capital tem de prevalecer a todo custo (...)” (MÉSZÁROS, 2007, p.335). De outra parte, Pinassi, estudiosa do tema, assevera que “(...) desde finais da década de 1960, o sistema esgota todas as suas possibilidades, digamos civilizatórias, concluindo uma longa fase de ascensão histórica impulsionada com a vitória das revoluções burguesas dos séculos XVIII e XIX. Isso quer dizer que (...) os novos padrões de expansão e acumulação do capital só conseguem ser ativados, em termos globais, mediante mecanismos absolutamente destrutivos. [Crescentemente, se confirma] como uma totalidade social completamente *irreformável*. (PINASSI, 2009, p.76). Mais reflexões da autora podem ser encontradas em sua tese de livre docência: consultar Pinassi (2009a).

²⁷ Sobre a dialética entre revolução e contrarrevolução burguesa, consultar: MARX (1987, 2008) e ENGELS (2008).

²⁸ A contrarrevolução global põe em tela a citada regressão, a qual possui diversas dimensões dramáticas, tal como segue: “A regressão social universal nos faz vislumbrar a boca do inferno: dessolidarização, fragmentação, exclusão, guerra civil e genocídio, dessimetriação expansiva e xenofobia recrudescida, racismo e intolerância religiosa, pauperização global”. (LIMA FILHO, 1997. p. 244).

²⁹ Consultar, dentre muitos autores que tratam do tema, TAVARES (1998).

³⁰ “Desatadas as amarras políticas que atavam o novo bloco dominante do capital financeiro, este passa, celeremente, a completar a obra (...) já iniciada desde o imediato pós-guerra, mas com trajeto mais universal e eficaz a partir dos anos 60. Esta situação polariza decisivamente as burguesias do mundo, encadeando-as aos desígnios globais do núcleo reitor monopolista e seus estados, com os Estados Unidos à cabeça, potência econômica e bélica dominante.” (LIMA FILHO, 2004, p.519).

da burguesia ter que lidar com a elevação das tensões sociais, levadas ao cabo por movimentos de trabalhadores³¹.

Crise estrutural do capital e sua sanha destrutiva: o caso da força de trabalho³².

Enquanto a classe trabalhadora tenta se empenhar em elevar seus níveis de consciência e de organicidade, com o intuito de confrontar os postulados e práticas estruturantes da ordem do capital, a crise estrutural põe em marcha acelerada a sua sanha destrutiva. Esta atinge todas as mercadorias em seu conjunto, incluídas as de consumo, os meios de produção e instalações, bem como, e sobremaneira relevante ao presente artigo, destrói parte importante da força mundial de trabalho³³. Certamente, tais processos em sua completa articulação sistêmica merecem ser esmiuçados teoricamente. No entanto, tal tarefa será postergada ao futuro para concentrarmos mais atenção na apreensão deste processo de destruição da força de trabalho: estamos diante de uma verdadeira catástrofe.

O fenômeno possui duas dimensões: uma sistêmica e uma específica. A primeira diz respeito à conversão de todo o sistema do capital em máquina de destruição em massa, pela subtração das condições mínimas de reprodução da classe trabalhadora global³⁴, processo regido pela clássica lei absoluta geral da acumulação capitalista³⁵. A essa dimensão, denomina-se complexo sistêmico destrutivo dos trabalhadores: em tudo agravado pela presença determinante da

³¹ Diria Mandel: “A consequência essencial e intrínseca do fim da onda longa expansionista do pós-guerra, e da luta intensificada pela taxa de mais-valia desencadeada a partir de 1965, é uma tendência mundial a conflitos de classe qualitativamente intensificados, que levarão a crise endêmica das relações de produção capitalistas ao ponto de explosão.” (MANDEL, 1985, p. 398). Tal referência pode ser complementada com a seguinte: “Na verdade, a ordem existente demonstra-se insustentável (...) devido às crescentes ‘disfunções’ socioeconômicas resultantes da imposição diária de suas desumanidades sobre milhões de ‘infelizes’ (...)” (MÉSZÁROS, 2009, p.41).

³² Relacionada à alienação do trabalho, ao emprego precário e ao desemprego, a destruição dos trabalhadores sempre esteve presente, compelindo-os ao estado crescente de desespero. Porém, é preciso reforçar que ela foi, a partir da década de 1970, convertido em catástrofe.

³³ Consultar MÉSZÁROS (1989, 2002, 2006).

³⁴ Sobre essa subtração das condições mínima de reprodução da classe trabalhadora global, especificamente no que se refere à questão urbana, ver: DA VIS (2006).

³⁵ Sobre a referida lei, ver o capítulo XXIII, do Livro primeiro, de MARX (1985), denominado A lei geral da acumulação capitalista. Ali, pode-se ver o seguinte trecho: “O pauperismo constitui o asilo para inválidos do exército ativo de trabalhadores e o peso morto do exército industrial de reserva. (...) Quanto maiores a riqueza social, o capital em funcionamento, o volume e a energia de seu crescimento, portanto também a grandeza absoluta do proletariado e a força produtiva de seu trabalho, tanto maior o exército industrial de reserva. A força de trabalho disponível é desenvolvida pelas mesmas causas que a força expansiva do capital. A grandeza proporcional do exército industrial de reserva cresce, portanto, com as potências da riqueza. Mas quanto maior esse exército de reserva em relação ao exército ativo de trabalhadores, tanto mais maciça a superprodução consolidada, cuja miséria está em razão inversa do suplício de seu trabalho. Quanto maior, finalmente, a camada lazarenta da classe trabalhadora e o exército industrial de reserva, tanto maior o pauperismo oficial. *Essa é a lei absoluta geral, da acumulação capitalista.*” (MARX, 1985, grifos do autor, p.209).

crise estrutural. A segunda dimensão consiste em parcela pontual do supracitado complexo (igualmente regida pela lei geral da acumulação) que é a responsável imediata pelo bloqueio das positivities envolvidas com o crescimento da produção e comercialização de alimentos. A ela, dar-se-á a denominação complexo da fome e da degradação dos hábitos alimentares³⁶. Portanto, são duas dimensões mutuamente determinadas, uma contida dentro da outra: todas profundamente destrutivas.

Esquemáticamente, pode-se dizer: a destruição em massa da força de trabalho é a consequência; o referido complexo da fome e da degradação dos hábitos alimentares é parcela do sistema do capital; seus mecanismos são as epidemias da fome e a degradação dos hábitos alimentares.

Os três mecanismos do complexo da fome e da degradação dos hábitos alimentares.

Desde os estudos de Josué de Castro (CASTRO, 1965, 1965a), médico brasileiro, nascido na cidade de Recife e que dedicou toda sua vida aos trabalhadores, sabe-se que a fome é uma tragédia universal, cindida em duas escalas: a crônica e a oculta. Em outras palavras, respectivamente, como sinônimos, pode-se usar fome quantitativa (ou total) e fome qualitativa (ou parcial).

O mecanismo epidêmico da fome crônica é (CASTRO, 1965, 1965a) aquele que se revela a qualquer pessoa, mesmo que não seja médico ou habilitada para diagnósticos em saúde, dada sua expressão escancarada e aterrorizante. Trata-se de uma fome quantitativa, acompanhada de carências nutricionais de amplo espectro e, sobretudo, de carência energética profunda, comprometedora do conjunto das funções vitais do organismo. Ela converte humanos em seres irreconhecíveis, esqueléticos, que se autoconsomem para sustentar a atividade metabólica mínima, mantenedora do núcleo duro dos sistemas vitais: se tais indivíduos são colocados em pé, permanecem com dificuldades; no mais das vezes, acomodam-se novamente em posição adequada à falta de energia.

De outra parte, o mecanismo epidêmico da fome oculta é (CASTRO, 1965, 1965a) aquele que se reveste de mil estratégias para se esconder atrás de um biombo de saúde aparentemente perfeita, revelando-se apenas sob o exame de um médico preparado. Trata-se de uma fome qualitativa, de carências nutricionais específicas; leia-se, de micronutrientes tais como minerais e vitaminas. Diuturnamente, a classe trabalhadora é acometida pelas doenças decorrentes desse perfil

³⁶ Trata-se dos grandes Estados imperialistas, dos oligopólios agroindustriais, dos oligopólios comerciais, dos ramos agroquímicos, de implementos agrícolas, de pesquisas em biotecnologia, em geoengenharia, em nanotecnologia, em tecnologia nuclear; trata-se das poderosas ONGs do capital, das instituições internacionais ditas multilaterais, das instituições de avaliação e regulação sanitárias, dos oligopólios farmacêuticos, dos de diagnóstico de precisão em saúde, dos de pesquisa sobre doenças epidêmicas, dos oligopólios financeiros envolvidos, das seguradoras, entre outros. Todos concorrem para compor, conscientes ou não, o complexo da fome e da degradação, acima referido. Consultar: ZIEGLER (2013).

de fome, mas não o sabem, pois em geral são enfermidades silenciosas, cujo primeiro sinal já traz consigo consequências medianas ou graves³⁷.

Por último, o mecanismo epidêmico da degradação dos hábitos alimentares é aquele que opera a substituição dos alimentos vivos, ricos em nutrientes, por mercadorias debilitantes da saúde do trabalhador. Essas últimas, em geral, são saturadas de sal, açúcar, gorduras, conservantes, aditivos químicos, que realçam sabores artificiais, além de possuírem fortes resquícios de agrotóxicos. Tal degradação alimentar, quando acompanhada de rotina ociosa, tabagismo, uso de bebidas alcoólicas, vida estressantes e exposição aos poluentes, não exclusivos mas tipicamente urbanos, fragiliza o organismo de cada trabalhador, que passa a ser afetado por várias doenças, de alto impacto epidêmico³⁸.

As consequências dos mecanismos da fome oculta e da degradação dos hábitos alimentares: os mortos viventes.

Sobre a crise estrutural, o específico complexo destrutivo da força de trabalho global opera o mecanismo da fome oculta que fragiliza os trabalhadores frente a uma série de doenças, dentre elas (ANGELIS, 1999; CASTRO, 1965, 1965a; ZIEGLER, 2013) a anemia, por falta de ferro; a cegueira, por carência de vitamina A; o Beribéri, decorrente da pouca ingestão de vitamina B; o escorbuto, por falta de vitamina C e, em crianças, tal carência causa raquitismo; o bócio, pela ausência de iodo; entre outros micronutrientes, tais como o ácido fólico e o zinco.

O mecanismo da degradação dos hábitos alimentares abre as portas para doenças epidêmicas crônico-degenerativas, também chamadas de doenças crônicas não transmissíveis, cuja causa não está (LESSA, 1998) vinculada a um microrganismo propriamente dito³⁹. Delas, são exemplos as doenças cardiovasculares, as cerebrovasculares, o câncer e o diabetes⁴⁰. Todas são caracterizadas, além da “(...) não-transmissibilidade, pelo longo curso clínico e pela irreversibilidade” (LESSA, 1998, p.29). Ademais, são (LESSA, 1998) doenças com longo curso assintomático, situando os trabalhadores como vítimas, acomodadas atrás do biombo da suposta saúde perfeita. Quando são

³⁷ Sobre a fome oculta, além de Josué de Castro, pode-se recorrer ao livro de uma autora contemporânea. Trata-se de ANGELIS (1999).

³⁸ Tais convicções sobre o mecanismo da degradação dos hábitos alimentares, posta em movimento pelo complexo destrutivo específico, foram formadas, dentre outras, a partir da leitura da seguinte bibliografia: LESSA (1998); GERSON (2002); GERSON e BISHOP (2012); COUSENS (2011); CHABOUSSOU (2006); ANJOS (2006); CARVALHO (2004); SMITH (2009); NOVAES (2012), notadamente Capítulo 2; BETHEIN (2010); PERES e MOREIRA (2003); ZIEGLER (2013) e MARTINS (2004).

³⁹ Não obstante, existe um conjunto de doenças crônicas das quais suspeita-se que a causa esteja vinculada com um microrganismos. Ver lista na página 30, de LESSA (1998).

⁴⁰ Podem ser consultadas as seguintes bibliografias: LESSA (1998); GERSON (2002); GERSON e BISHOP (2012); COUSENS (2011) e ANJOS (2006).

diagnosticadas, possuem um transcurso clínico lento, prolongado e permanente, colocando o trabalhador em estado de morbidade⁴¹, no mais das vezes, vitalícia. Em geral, por serem degenerativas, em geral, impactam o portador, na melhor das hipóteses, incapacitando-o parcialmente ou totalmente, o que respectivamente estreita ou bloqueia a venda de sua força de trabalho. De outra parte, na pior das hipóteses, impacta o portador com a morte.

Por ter longo curso assintomático e transcurso clínico lento, prolongado e permanente, pode-se dizer que as doenças crônico-degenerativas ou não transmissíveis, consideradas do ponto de vista do indivíduo afetado, até que permitem uma sobrevida relativamente grande, embora mórbida⁴². Não obstante, da ótica da saúde pública, ao nível populacional, tais doenças são consequências altamente letais da degradação dos hábitos alimentares movida pelo citado complexo destrutivo. Considerada desta perspectiva, a morbidade aqui referida é, em larguíssima medida, a incômoda antessala da morte, tal como mostraremos adiante. Nela, levas de trabalhadores aguardam em um estado de saúde profundamente debilitado.

O complexo da fome e da degradação dos hábitos alimentares, enquanto verdugo, mata preferencialmente aos poucos, destruindo em massa a vitalidade dos trabalhadores⁴³. Tais populações estão vivas, em muitos casos se alimentam com rotina diária; porém, contraditoriamente, a cada refeição debilitante estão ocultamente famintas de nutrientes ausentes, embora abarrotadas de calorias e de substâncias pouco nutritivas ou, acima de tudo, tóxicas. Pelo acúmulo dessas e ausência daquelas, são convertidos em potenciais mortos, que seguem sua trágica história aquém túmulo, perambulando pelas ruas mundo afora, na condição de mortos vivos. Situação que em tudo se assemelha a um genocídio.

Por ora, apresentaremos alguns dados sobre o assunto, com o intuito de sustentar a tese da destruição em massa da classe trabalhadora, sob a determinação da crise estrutural do capital.

Tomada a fome crônica como referência, é suficiente dizer que, de acordo com Ziegler (2013), para o ano de 2012 e mundialmente falando, a cada cinco segundos, uma criança com

⁴¹ A morbidade a que se refere aqui está relacionada à morbidez, ao estado do corpo mórbido, relativo à doença. Sobre o verbete, consultar: DICIONÁRIO. **Priberam**. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/morbidade>. Acesso em: 03-04-2015.

⁴² LESSA, Inês. Epidemiologia das doenças crônicas *versus* Terceira idade. In: _____. LESSA (1998), p.203-222.

⁴³ Toma-se, dentre muitos caso de subtração da vitalidade de populações inteiras, o exemplo apontado pela autora Kátia V. Bloch, tal como segue: “Evidências epidemiológicas e experimentais atestam que populações que ingerem uma dieta rica em carboidratos, geralmente do tipo complexo, têm baixas incidências de doença coronariana e de outras condições trombóticas. (...) Na Hungria, país com elevada ingesta de sal e baixa ingesta de gordura poliinsaturada, tem havido um aumento da ingesta de gordura total e saturada e essas mudanças nutricionais se acompanham de um aumento na mortalidade global e por doenças cardiovasculares. A expectativa de vida no país aumentou apenas 0,7 anos entre 1967 e 1987. Já na Bélgica, a diminuição da ingesta de sal e de gordura saturada e o aumento da ingesta de gordura poliinsaturada vêm acompanhados de uma diminuição da mortalidade global e por doenças cardiovasculares. A expectativa de vida aumentou 4,6 anos entre 1967 e 1987.” (BLOCH *apud* LESSA, 1998, p.49).

menos de dez anos de idade morreu de fome⁴⁴. Desdobrando tais dados⁴⁵ – e atente-se: considerando somente crianças com menos de 10 anos de idade, bem como somente o ano de 2012 –, tem-se o seguinte quadro: são 720 crianças mortas de fome por hora, o que significa 17,2 mil crianças mortas por dia, implicando na destruição de 6,3 milhões delas, em todo o mundo, apenas em 2012. Tomando dados mais amplos, o mesmo autor informa que 57 mil pessoas morreram em 2012, por dia, de fome. Desdobrando os dados⁴⁶, tem-se: 1,7 milhões por mês e 20,8 milhões de pessoas destruídas pela fome ao redor do mundo, no ano de 2012. Eis o caráter destrutivo do mecanismo da fome crônica, colocada em andamento pelo complexo da fome e da degradação dos hábitos alimentares, sob determinação da crise estrutural do capital.

Considerando a fome oculta, Ziegler (2013), apoiado no relatório *Vitamin and mineral deficiency: a global assessment*⁴⁷, da Unicef (s/d.), nos informa que a carência de vitamina A, que pode causar cegueira, afeta cerca de 40 milhões de crianças ao redor do mundo. Dessas, a cada ano, 13 milhões perdem sua capacidade de enxergar. O autor também alerta que, em virtude da deficiência de ácido fólico, essencial para a formação fetal, estima-se em “(...) 200.000 por ano os recém-nascidos mutilados pela ausência desse micronutriente.” (ZIEGLER, 2013, p.57). Ainda mais, as estatísticas levantadas pelo autor demonstram que quase 1 bilhão de pessoas sofrem de carência natural de iodo. “Quando esta não é compensada, sobrevêm ao bócio graves transtornos de crescimento e desordens mentais (cretinismo). Para as mulheres grávidas (e, pois, para os fetos), a falta de iodo é fatal.” (ZIEGLER, 2013, p.58). Registra ainda o autor que a carência de zinco provoca problemas nas faculdades cerebrais e motoras, além de diarreias, geralmente mortais em crianças de pouca idade. Estima-se que tal carência cause a morte de aproximadamente 400 mil pessoas por ano. Ademais, segundo um relatório da Unicef (2004), estima-se que ela pode causar entre 40% e 60% de redução da capacidade mental, proporcionando sequelas vitalícias. Ainda mostra que aproximadamente 500 milhões de mulheres sofrem de anemia e que 60 mil morrem no parto todos os anos, em decorrência da carência de ferro.

Focando um pouco no Brasil e considerando o mecanismo da degradação dos hábitos alimentares e seu séquito de enfermidades, basta dizer que dados do Ministério da Saúde (2014),

⁴⁴ Conforme o autor, todos esses dados foram coletados junto aos pesquisadores responsáveis pelas estatísticas da Organização para a alimentação e agricultura – FAO –, das Nações Unidas. Vale registrar que Ziegler foi assessor da FAO por diversos anos.

⁴⁵ Cálculo próprio baseados na informação inicial de ZIEGLER (2013).

⁴⁶ Idem à nota 44.

⁴⁷ Além desse relatório, para um efeito comparativo no interior da década de 2000, sugere-se aqui a leitura de UNICEF (2004).

presentes em seu Portal da Saúde⁴⁸, dão conta de mostrar que, somente em 2011, 834 mil pessoas foram levadas a óbito por doenças crônicas não transmissíveis. Este número, corresponde a “(...) 72,7% do total de óbitos registrados no país (...)” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014)⁴⁹. O mesmo Portal da Saúde informa que as referidas doenças crônicas degenerativas são responsáveis por 63% dos óbitos mundiais⁵⁰.

Considerações finais.

Vale reforçar que a destruição em massa, retratada anteriormente, é consequência do funcionamento dos mecanismos das epidemias da fome e da degradação dos hábitos alimentares. Esses dois mecanismos se edificaram através das atividades produtivas, comerciais e financeiras, específicas ao complexo da fome e da degradação. Atuando sob a determinação da crise estrutural, posta em movimento pela mundialização do capital, tal complexo distende as tensões sociais ao extremo do imaginável, levando ao limite a capacidade burguesa de administrar tais disfunções, deslocando-as ao futuro. O problema é que, estritamente dentro da ordem sistêmica do capital, tais burguesias estão crescentemente impossibilitadas de intervir na tragédia aqui abordada, precisamente porque o tempo histórico das positivities revolucionárias burguesas terminou no abismo da contrarrevolução capitalista global. A burguesia já não é mais guardiã da civilização e, em seu estado decadente, bloqueia qualquer iniciativa em benefício das maiorias trabalhadoras. Assim, elas e seu sistema de produção e reprodução social expõem sob luz meridiana a totalidade de sua miséria. Resta aos trabalhadores a árdua e cada vez mais complicada tarefa de auto-organização, conscientemente conduzida para a superação dessa catástrofe, para a superação do sistema do capital.

⁴⁸ O referido Portal da Saúde lança mão de um instrumento denominado Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico, VIGITEL. Sobre ele, consultar: MINISTÉRIO DA SAÚDE (2015).

⁴⁹ Para chegar ao número de 834 mil pessoas, considerou 72,7% do total absoluto de óbitos, para o ano de 2011, informado pelo IBGE (2015), a saber: 1.148.165 de pessoas. Em termos relativos, considerando o índice 100 para o ano 2003, tem-se o mesmo índice 100 para 2011, revelando que a proporção de óbitos em face da população total permaneceu inalterada.

⁵⁰ É preciso apontar que existe uma intersecção entre o número de óbitos, decorrentes das epidemias de fome oculta por um lado, e das doenças crônicas não transmissíveis, por outro. Todavia, deixaremos para abordar essa questão em oportunidade futura.

Bibliografia

- ANGELIS, Rebeca Carlota. **Fome oculta**. Impacto para a população do Brasil. São Paulo: Atheneu, 1999. 236p.
- ANJOS, Luiz Antônio dos. **Obesidade e Saúde Pública**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. 100p. (Coleção Temas em Saúde).
- BENTHIEN, Patrícia Faraco. **Transgenia agrícola e modernidade**: um estudo sobre o processo de inserção comercial de sementes transgênicas nas sociedade brasileira e argentina a partir dos anos 1990. Tese de doutorado. Universidade de Campinas. Agosto de 2010. 272p.
- BLOCK, F. **Las origenes del Desorden Económico Internacional**. México: Fondo de Cultura, 1980.
- CARVALHO, José Carlos Tavares. **Fitoterápicos anti-inflamatórios**: aspectos químicos, farmacológicos e aplicações terapêuticas. Ribeirão Preto: Tecmedd, 2004. 480p.
- CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome, o dilema brasileiro**: pão ou aço. 9. ed. Cap. 05, São Paulo: Brasiliense, 1965.
- _____. **Geopolítica da Fome**: ensaio sobre os problemas de alimentação e de população, 2.ed., São Paulo: Brasiliense, 1965a. 2V.
- CHABOUSSOU, Francis. **Plantas doentes pelos uso de agrotóxicos. Novas bases de uma prevenção contra doenças e parasitas**: a teoria da trofobiose. São Paulo: Expressão Popular, 2006. 320p.
- CHESNAIS, F. **A globalização e o Curso do Capitalismo de Fim-de-Século**. In: Revista Economia e Sociedade, Campinas, Vol.04, Nº02, dez. 1995. 31p. Disponível em: <http://www.eco.unicamp.br/docdownload/publicacoes/instituto/revistas/economia-e-sociedade/V4-F2-S5/01-CHESNAIS.pdf>.
- _____. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996. 335p.
- _____. O capital portador de juros: acumulação, internacionalização, efeitos econômicos e políticos. In: _____ (Org.) **A finança mundializada** – raízes sociais e políticas, configuração, consequências. São Paulo: Boitempo, 2005. p.35-67.
- COUSENS, Gabriel. **A cura do diabetes pela alimentação viva**: o programa de 21 dias do Tree of Life. São Pau: Alaúde Editorial, 2011. 467p.
- DAVIS, Mike. **Planeta favela**. São Paulo: Boitempo, 2006. 272p.
- DICIONÁRIO. **Priberam**. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/morbidade>. Acesso em: 03-04-2015.

DUMÉNIL, Gérard e LÉVY, Dominique. **O neoliberalismo sob hegemonia norte-americana** In: CHESNAIS, François. (Org.). *A finança mundializada – raízes sociais e políticas, configurações, consequências*. São Paulo: Boitempo, 2005. p.85-108.

ENGELS, Friedrich. *Revolução e contra-revolução na Alemanha*. In: _____. **A revolução antes da revolução**. Vol I. São Paulo: Expressão Popular, 2008.p.165-301.

GERSON, Max. **A Cancer Therapy: Results of Fifty Cases and the Cure of Advanced Cancer by Diet Therapy**. 6.ed. San Diego: The Gerson Institute, 2002.

GERSON, Charlotte e BISHOP, Beata. **Terapia Gerson**. *Cura del cancer y otras enfermedades crónicas*. Editorial Alan Furmansky. 2012. 302p.

HILFERDING, Rudolf. *O capital financeiro*. São Paulo: Nova Cultural, 1985. (Os economistas). 348p.

IBGE. **Óbitos ocorrido no ano por sexo**. 2015. Disponível em: <http://serieestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=10&op=0&vcodigo=RC81&t=obitos-ocorridos-ano-sexo>. Acesso em: 30-03-2015.

LESSA, Inês. **O adulto brasileiro e as doenças da modernidade**. *Epidemiologia das doenças crônicas não-transmissíveis*. São Paulo e Rio de Janeiro: Hucitec, 1998. 284p.

LIMA FILHO, Paulo Alves de. *A emergência do novo capital*. In: DOWBOR, Ladislav. *At alii* (Orgs.). **Desafios da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **O golpe de 1964: a vitória e a vitória da ditadura**. In.: *Revista Projeto História*. Vol.20, Nº02, dez de 2004. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/9979>. Acesso em: 01-01-2005. São Paulo.

_____. e MACEDO, Rogério Fernandes Macedo. *A poeira dos mitos: revolução e contrarrevolução nos capitalismo da miséria*. In.: BENINI, Edi *et all.* (Org.), **Gestão pública e sociedade: fundamentos e políticas públicas de economia solidária**. São Paulo: Outras Expressões, 2011. p. 275-301.

MAGDOFF, Harry. **A era do imperialismo – A economia da política externa dos Estados Unidos**. São Paulo: Hucitec, 1978.

MANDEL, Ernest. **O capitalismo tardio**. 2.ed., São Paulo: Nova Cultural. 1985. (Coleção Os economistas). 416 p.

MANDEL, Ernest. **A crise do capital: os fatos e a sua interpretação marxista**. São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora da Unicamp, 1990. 329p.

MARX, Karl. **As crises econômicas do capitalismo**. São Paulo: Edições Populares e Ched Editorial, 1982. 88p.

_____. **O Capital: crítica da economia política do capital**. 2.ed., São Paulo: Nova Cultural, 1985. (Os economistas).

- _____. **A burguesia e a contra-revolução**. São Paulo: Ensaio, 1987. 98p.
- _____. e ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2005, 256p.
- _____. **A revolução antes da revolução**. Vol II. São Paulo: Expressão Popular, 2008. 440p. (Coleção Assim lutam os povos).
- MÉSZÁROS, István. **Produção destrutiva e Estado capitalista**. São Paulo: Ensaio, 1989. V.05. (Cadernos Ensaio. Pequeno formato). p.105.
- _____. **Para além do capital: rumo ao uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2002. 1104p. (Mundo do trabalho).
- _____. **O poder da ideologia**. São Paulo: Boitempo, 2004. 566 p. (Mundo do trabalho).
- _____. **Século XXI. Socialismo ou barbárie?**. Segunda reimpressão, São Paulo: Boitempo, 2006. p.116. (Mundo do trabalho).
- _____. **O desafio e o fardo do tempo histórico: o socialismo no século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2007. 396p. (Mundo do trabalho).
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Sistema de Vigilância de Doenças Crônicas não Transmissíveis**. 27 de março de 2014. Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/svs/doencas-cronicas-nao-transmissiveis>. Acesso em: 30-03-2015.
- _____. **Notas Técnicas. Vigitel**. 2015. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/vigitel/vigteldescr.htm#descvar>. Acesso em: 30-03-2015.
- NOVAES, Henrique Tahan. **Reatando um fio interrompido: a relação universidade movimentos sociais na América Latina**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. 336p.
- PERES, Frederico e MOREIRA, Josino Costa (Orgs.). **É veneno ou é remédio? Agrotóxicos, saúde e ambiente**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. 384p.
- PINASSI, Maria Orlanda. A ideologia da crise e o surto incontrolável da irrazão. In: ARRUDA SAMPAIO JUNIOR. Plínio de. **Capitalismo em crise: a natureza e dinâmica da crise econômica mundial**. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2009, p.75-96.
- _____. **Da miséria ideológica à crise do capital**. Uma reconciliação histórica. São Paulo: Boitempo. 2009a. 140p. (Mundo do trabalho).
- SANTOS, João Marcelo Pereira. **Questão agrária, cooperação e agroecologia**. Henrique Novaes, Ângelo Diogo Mazin e Laís Santos (organizadores). 1.ed., São Paulo: Outras Expressões, 2015. 408p.
- SMITH, Jeffrey M. **Roleta genética: riscos documentados dos alimentos transgênicos sobre a saúde**. São Paulo: João de Barro Editora, 2009. 305p.
- TAVARES, Maria Conceição. A retomada da hegemonia norte-americana. In: _____. e FIORI, J. L. (orgs) **Poder e Dinheiro**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

TOUSSANT, Eric. **A bolsa ou a vida** - a dívida externa do Terceiro Mundo: as finanças contra os povos. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2002. 416p.

ZIEGLER, Jean. **Destruição em massa geopolítica da fome**. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2013. 336p.